

Lula vai ao Sul e ataca ação do governo na agricultura

Candidato lembra que o país vai importar US\$ 2,5 bilhões de arroz, feijão e milho.

"Estamos dependentes da comida externa"

Porto Alegre — O candidato da frente de oposição à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), iniciou ontem suas atividades de campanha pelo Rio Grande do Sul, cuja capital, Porto Alegre, é administrada pelo PT desde 1988. Lá, atacou o que chamou de "cretinices" da equipe econômica na agricultura. "No meu governo, as políticas agrícola e de juros serão definidas em mesa de negociação e não por medida provisória ou decreto-lei", afirmou para cerca de 50 pessoas, basicamente líderes de cooperativas agropecuárias e dirigentes do PT e do PDT. "Ninguém pode ser vítima das intempéries nem da cretinice da equipe econômica; que não tem sensibilidade."

Acompanhado do candidato a vice em sua chapa, o ex-governador gaúcho Leonel Brizola (PDT), Lula participou de uma reunião, durante três horas, com produtores rurais e associados de cooperativas agropecuárias em Capivari do Sul,

a 70km de Porto Alegre. Recebeu um documento com sugestões para sua plataforma de governo, ouviu queixas dos produtores — que reclamaram dos juros altos e da dificuldade para financiamento — e

prometeu que, caso seja eleito, negociará tudo com os agricultores.

A visita à Cooperativa de Arroz Pitangueiras, em Capivari do Sul, emocionou Brizola. Em 1961, quando era governador do Rio Grande do Sul, o hoje

candidato a vice-presidente doou 1.150 hectares de sua propriedade, naquela região, para assentar 60 famílias. "Fizemos a reforma agrária, mas, três anos depois, com o golpe militar, expulsaram os pobrezinhos daqui", lembrou. Ontem, Brizola reencontrou dois filhos de camponeses daquela época. "Foi a primeira vez que voltei a esse lugar", contou o pedetista.

Ao se reunir com associados de cooperativas de arroz e produtores rurais, Lula elevou o tom das críticas ao governo. "Não estamos só

dependentes do capital externo, mas também da comida externa", afirmou. "A política de importação de grãos e de juros altos está quebrando nossa agricultura."

Rui Polidoro Pinto, presidente da Federação de Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul — que representa 230 mil famílias associadas às 170 cooperativas agropecuárias da federação — entregou a Lula o documento com reivindicações que será entregue a todos os candidatos. Nele, o Plano Real é apontado como um dos causadores da situação de dificuldades que vive o setor. Em 1995, o total de endividamento das cooperativas gaúchas ultrapassou R\$ 300 milhões.

Atualmente, o montante solicitado para o alongamento das dívidas, a modernização é a mudança de perfil das cooperativas no estado chega a R\$ 1 bilhão. O Rio Grande do Sul é o maior produtor de arroz do país (3.604.963 toneladas por ano). Mas sua produção já foi bem maior: em 1994, primeiro ano do Real, era de 4.230.680 toneladas.

"Só nesse estado reduzimos o cultivo em mais de um milhão de hectares e perdemos 65 mil empregos na agricultura", disse Polidoro. Lula lembrou que o país vai importar, neste ano, US\$ 2,5 bilhões de arroz, feijão e milho. "Além disso, o máximo de desrespeito ao agricultor brasileiro é sa-

ber que na casa do presidente Fernando Henrique Cardoso o arroz é mexicano", atacou.

PALANQUES

Com dois palanques no Rio Grande do Sul, o petista foi acompanhado, de manhã à noite, por dois candidatos ao governo gaúcho: o ex-prefeito de Porto Alegre Olívio Dutra (PT) e a senadora Emília Fernandes (PDT). A frente de esquerda que apóia Lula, batizada de União do Povo — Muda Brasil (PT, PDT, PSB, PC do B e PC), não foi reproduzida no Rio Grande do Sul porque o PDT de Brizola irritou-se com os petistas e lançou chapa própria à sucessão do governador Antônio Britto (PMDB), que se licenciou do cargo para concorrer à reeleição.

"É uma experiência sui generis e um aprendizado para todos nós fazer campanha a presidente com dois candidatos a governador", observou Lula, que não vai subir no palanque de Emília.

A convivência entre militantes do PT e do PDT está sendo pacífica no Rio Grande do Sul. "Vamos dar um exemplo de civilidade entre os partidos e educação política", disse Brizola. "Eu e Lula já vivemos momentos de incompreensão porque não nos conhecíamos, mas os fatos da vida brasileira foram nos aproximando."

